

A Água (Elemento Natural e Simbólico) Tal Como Aparece Nos Textos Bíblicos (***)

Eng.º JOÃO CARLOS ALVES

Presidente da Comissão de Fiscalização das
Águas de Lisboa.

Rien n'est si insupportable à
l'Homme que d'être, en plein repos,
sans passions, sans affaires, sans di-
vertissements, sans application.

(PASCAL)

Num pequeno escrito publicado neste Boletim (n.º 28 do ano de 1957) afloramos muito ao de leve o papel (simbólico) da água na Escriturística.

Como as musas não fazem mal aos doutores, os conhecimentos de humanística também não fazem mal a engenheiros (a Técnica não pode ou não deve ignorar uma instrução geral sobre letras clássicas, sagradas ou não)¹ resolvemos aprofundar mais aquele assunto, respigando nas páginas dos Livros Inspirados as principais alusões à água e o seu simbolismo na vida do povo bíblico.

A História Sagrada, que se prolonga e continua na Igreja Cristã, só pode ser apreendida, entendida, vista de dentro para fora e apresentada segundo uma perspectiva teológica, tanto nas suas partes como nas minúcias, pois tudo ali se conjuga e se orienta com objetividades escatológicas.

A terra, o vento, o fogo, a água são os principais elementos em que se apoia a cosmogonia sagrada, quer em sentido natural (físico) quer em figuras místicas (metafísica).

No que vamos escrever apenas nos interessa falar da água, por ser um tema da nossa predileção e também por não ser de todo estranho à nossa função técnica, que não exclui as incursões no plano espiritual-moral, que constitui o substratum de todo o homem, que não renega a sua origem divina.

O papel da água na vida dos hebreus, no curso da sua história, e até na de seus remotos antepassados, é, como sabemos, muito e muito importante, até porque viviam em regiões desoladas (desérticas, ou quase desérticas e escaldantes) onde a água, fonte de vida, era tida como um dos maiores dons de Deus.

Assim a água aparece citada logo nos primeiros capítulos das tradições israelitas (anteriores a Moisés). É coeva com a mais antiga idia do povo de Israel acerca do mundo e de Deus e dos homens também.

Assim no relato da criação (**Gen. II**) a água aparece como origem de toda a fecundidade (chuva, rios e mananciais).

O próprio barro, com que Deus formou o homem, teria sido humedecido (com água saída da terra) e sobre ele insuflou o sopro de vida que o havia de animar como alma vivente².

Como nem todos os hebreus viviam (ou podiam viver) nas margens dos vales irrigados por águas correntes, derivadas de rios (Eufrates, Tigre, Jordão), muitos deles praticavam o nomadismo.

Assim por exemplo na Palestina, no tempo dos Patriarcas; os filhos, netos e todos os descendentes do fundador (Abraão) continuaram a ser nómados durante três séculos, vivendo sob tendas, e deslocando-se segundo as necessidades da pastorícia.

(***) Extraído do "BOLETIM" n.º41, da Comissão de Fiscalização das Águas de Lisboa.

(1) E que maior classicismo pode haver do que as letras que constituem o livro dos livros (Bíblia)?

(2) Esta ideia tem aqui valor meramente espiritual e simbólico, pois, como é sabido, a Igreja não condena o chamado "Evolucionismo" das espécies, das quais, no cume biológico, teria saído o homem (homo sapiens).

A existência errante deste clã só era viável em regiões onde era possível captar águas por meio de poços, muitos dos quais ficaram nas tradições bíblicas, como o que existia entre Cades e Barad³, chamado, por Agar, o "Poço de Deus que vive e que me vê" (**Gen. XVI, 13-14**).

As tribos fugitivas aqui se instalaram durante mais de 30 anos, alimentando a esperança de entrar na Terra Prometida (Canaã) que Moisés, o grande servidor de Deus não chegou a pisar⁴.

Abraão foi incontestavelmente um grande construtor de poços, obra ardorosamente continuada pelos seus descendentes e servos, que provocou muitas injevas e rixas, por ser considerada instrumento de grande poder e riqueza.

Oferece grande interesse verificar-se, nas letras bíblicas, que os poços são lugares de encontro célebres que assinalam importantes eventos da história sagrada. Assim foi junto de um poço que o servidor de Abraão conheceu Rebeca, esposa do seu filho Isaque; Jacob encontrou Raquel no poço de Haran; Moisés a Séfora, filha de Jetro, com quem casou, junto de um poço no país de Madian, etc.

Muitas alusões à água destes poços se acham espalhadas no Antigo Testamento, o que facilmente se compreende vista a importância que a água ocupava nos ritos e cerimônias de hospitalidade dos hebreus, fosse para saciar os viandantes, fosse para dessententar o gado (ovelhas, camelos, etc.).

O acto de oferecer água para beber ou para abluções (ou purificação) era como sinónimo de dádiva ou entrega de vida.

Tais reminiscências repetem-se no Novo Testamento; entre outras a que tem expressão solene na cena do lava-pés durante a Última Ceia.

A penúria de água provoca sempre grandes murmúrios entre o povo judaico. Deus compadece-se. Basta relembrar o episódio do rochedo de Horeb, donde brotaram copiosíssimas águas que o povo e os animais beberam, logo que Moisés

o feriu (com a vara) após a saída do Egipto, no caminho do Mar Vermelho para o Sinai⁵.

O valor da água tanto na antiguidade, como em todos os tempos, ressalta dos sofrimentos a que a falta de água sujeita os homens e os animais, não falando já na desolação dos campos batidos por longas e secas estiagens.

Tais provas ilustram muitas páginas dos textos bíblicos, começando, por exemplo, com a recriminação do povo a Moisés e Arão no deserto de Sin (**Num. XX, 1-5**) depois da partida do Egipto⁶.

Tôda a história da marcha do Êxodo é pontilhada de queixumes, em que a lembrança da água enche o pensamento da multidão; só a alma e lhe dá forças a idéia que alcançada a Palestina todos ali acharão as fontes que fartamente os saciarão⁷.

A esta verdadeira alusão prendia-se também a idéia mística da fonte de águas vivas, que desciam do Céu pelas mãos do Senhor e que eram matéria de fé e de salvação do povo de Israel. A interpretação forte deste pensamento nitidamente profético, aparece no quarto Evangelho, quando Cristo exclama, de pé e em voz alta:

"Se alguém tem sede venha a mim e beba! O que crê em mim, como diz a Escritura, do seu seio correrão rios de água viva" (**S. João VII, 37-38**).

Outro passo sugestivo do valor da água é o dito de David, recordando saudosamente a água fresca da cisterna de Belém (**Reis II, 23-15-16**):

"Oh se alguém me desse a beber água da cisterna que há em Belém junto à porta?"⁸

E tantos outros seriam de citar em que água aparece como símbolo de vitória do povo hebreu sobre as forças do mal.

Vitória espiritual com raízes carnaís nos ansios dos filhos de Abraão e Jacob, subindo os caminhos que os hão-de levar

(3) O oásis de Cades, para quem vinha do deserto, parecia um paraíso. Nas zonas fundas havia numerosos poços, abundantes de água e nelas brotavam algumas fontes que irrigavam verdejantes prados

(4) Apenas foi dado a Moisés subir no monte Nebo, para pousar os olhos sobre a terra tão ardentemente desejada. Depois expirou; tinha 125 anos!

(5) A presença da água persegue toda a história de Moisés (salvo das águas pela filha do Faraó, após três meses de nascido) sob cujo signo viveu. Não era a água símbolo de vida, e do espírito de Javé semelhante ao sopro divino que vivificou o homem!

(6) Porque nós fizestes sair do Egipto e nos conduzistes a este péssimo lugar, que não se pode semear e que não produz nem figueiras, nem vinhas, nem romeiras, e além disto não tem água para "beber"?

(7) A crença corrente entre estes nómadas era que a Palestina era um verdadeiro oásis, de águas fartas, prados verdejantes e pomares de frutos multicolores.

(8) Belém estava guardada por uma guarnição de filisteus.

à terra da Promessa, onde o leite e o mel correm em abundância. Nunca a pátria teve tanta ressonância como a que pulsava no coração daquele povo tenaz, obstinado e indomável⁹.

Ou não fosse êle o povo eleito, berço da antiga lei e fermento da nova disciplina cristã.

Vemos assim que entre as belas tradições de Israel surge a água como elemento material, que em si mesmo possui o sentido sagrado, apesar do seu uso corrente nos cuidados do corpo e da sua higiene sumária. Já atrás dissemos da ligação que existe, pelo menos simbolicamente, entre a água e o sopro divino, que são como que o instrumento da justiça e da bondade divinas.

As reminiscências nostálgicas dos patriarcas quase sempre se apoiam sobre as fontes (poços ou mananciais), que bordejam as regiões habitáveis e sedentárias, para as quais se dirige o impulso do povo escolhido. O Êxodo, voltamos a repetir, aparece-nos com uma dura peregrinação, de nascente em nascente, em busca da água fecunda e copiosa, que rega os campos, abebera os rebanhos e sacia os homens.

*

A água que era instrumento de vida, na história bíblica também era flagelo de morte. Sem dúvida o maior de todos concentra-se no dilúvio, que durou quarenta dias e quarenta noites. Toda a carne que se movia sobre a terra foi consumida; ficou somente Noé e os que estavam com êle na arca (**Gen. VII, 17-24**)!

Mas também a água tinha função, vingadora, justiceira, como na passagem do Mar Vermelho. Os Hebreus foram salvos e sepultado nas águas revoltas daquele mar o exército do Faraó.

A cólera de Deus manifesta-se algumas vezes na voz do trovão; assim a sétima praga do Egipto não foi mais do que uma horrível tempestade de chuva, granizo e raios, que apenas poupou os filhos de Israel que habitavam na terra de Gessen (**Ex. IX, 23-26**).

Desde a primitiva tradição a água é tida como sinal do poder de Deus, quer

como elemento fecundante quer como agente de morte. Só mais tarde a inspiração de alguns autores e escribas se fixa sobre as virtudes espirituais da água tomadas naqueles dois sentidos.

Com a fixação dos hebreus na Palestina de nômadas (ou seminômadas) que antes eram, passaram a sedentários.

Os poços que sulcavam os desertos deixaram de ter na economia sedentária, de base agrícola, importância essencial na vida dos clãs e as atenções voltaram-se então para a chuva benéfica e vivificante vinda do céu como bênção do Senhor¹⁰.

O mesmo Senhor a pode reter. Assim aconteceu no tempo de Elias, "quando foi fechado o céu durante três anos e seis meses, e houve uma grande fome por toda a terra" (**Lucas IV, 25**).

Vale a pena fazer a descrição idílica da Palestina como vem escrita nalguns passos do Deuterônimo:

"terra boa, terra de regatos e de águas e de fontes em cujos campos e montes rebentam as nascentes dos rios; terra de trigo, de cevada e de vinhas, onde nascem figueiras e romceiras e oliveiras; terra de azeite e de mel, onde, sem nenhuma escassez, comerás o teu pão, e gosarás da abundância de todas as coisas;" (**Deut, VIII, 7-8**).

Na Palestina estão postos os olhos de Deus, cujo solo não precisa de ser irrigado como o do Egipto,

"porque a terra em que vais entrar para a possuir não é como a terra do Egipto, donde saístes, na qual, lançada a semente, se conduzem as águas para a regar, como se faz nas hortas; mas é uma terra de montes e de planícies, e que espera as chuvas do céu, e que o Senhor teu Deus guarda sempre, e seus olhos estão sobre ela desde o princípio do ano até ao fim".

Os melhores exegetas vem nos efeitos ou carências da água, por transposição intemporal, um sentido marcadamente espiritualista, que desde o início da história sagrada se vem desenvolvendo e apu-

(9) A ideia de pátria não tinha entre os hebreus o significado moderno que hoje tem. O termo equivalente seria o de lar, como realidade espiritual, agora concretizada (na geografia política), no actual Israel, construção política-racial engendrada pelos governantes ingleses, com o apoio dos americanos, logo a seguir à II Guerra Mundial.

(10) No nomadismo a chuva torrencial era tida como manifestação terrífica do poder de Deus.

rando à medida que se aproxima a vinda do Messias, e mormente depois da promulgação do Deuteronômio ¹¹.

Que vai ser da Palestina, fortemente rodeada por inimigos que ferozmente a cobiçam?

A invasão dos babilônios apressa-se e Jerusalém cai em seu poder após heróica resistência dos palestinianos.

Seguiu-se a deportação e um grande bando foi dirigido para as margens dos rios da Babilônia, "a soberana dos reinos" no dizer de Isaías.

Foi nesta rica e magnificente metrópole, de palácios opulentos e jardins suspensos, mirando-se nas águas do Eufrates, que o bando lamentável dos restos de Israel entrou. O contraste era horrível, pungente, como sempre que povos vencedores e vencidos se encontram para continuarem a viver, uns a glória do triunfo outros o drama da derrota.

No entanto e em breve o contraste histórico ainda vai ser maior, porque assume os vértices da tragédia; o poderoso império vai desmoronar-se para sempre e o minúsculo povo vencido consegue viver e perdurar até hoje, volvidos mais de 25 séculos ¹²!

Ergue-se então a voz de Ezequiel, o terceiro dos 4 grandes profetas maiores, o profeta dos deportados e grande poeta, que canta a água, como fonte de fecundidade que promana de Deus e como instrumento de vingança divina. E na sua mensagem, por vêzes obscura e misteriosa, surge um tema novo, em que a água é considerada matéria de purificação (idéia já prevista nos antigos rituais) que se pode sintetisar assim: Deus lava e re-

(11) O Deuteronômio é o quinto livro do Pentateuco (conjunto dos cinco primeiros livros em que Moisés conta a história do povo de Israel desde a criação do mundo até à entrada na Terra da Promissão) e consta principalmente de discursos, em que Moisés procura levar o povo à observância da lei, recordando-lhe os benefícios recebidos e prometidos por Javé. Nele se recapitulam também os principais preceitos divinos.

(12) Israel! o povo que suportou todos os calcanços históricos, que pôde assistir ao desmoronamento dos seus sucessivos opressores e tiranos: babilônicos, assírios, gregos e romanos. Como explicar esta maravilhosa sobrevivência?

Poderá fazê-lo a filosofia da História?

Nós os cristãos, sabemos, pela palavra escrita de Deus, que o povo de Israel foi o escolhido para o consagrar a uma transcendente missão (sacerdotal) que seria a de servir de elo de ligação de Javé a toda a humanidade.

Claramente o diz (*Genesis Cap. XII, 1-3*) o Senhor dirigindo-se a Abraão, o Pai do povo. Mais ainda se vislumbra a ideia (sempre pressentida através da linha do A. T.) para que dele nascesse o Redentor!

nova pela água os corações manchados pelo pecado. Este tema será assim o anúncio do Baptismo, que não mais será abandonado pelos sucessores deste profeta e sacerdote.

Aos palestinianos que ficaram, por terem escapado às primeiras deportações, Ezequiel avisa-os que voltará a haver chuvas diluvianas, arrasadoras, enquanto Jeremias (o segundo dos profetas maiores) exortava aqueles à penitência, adivinhando os castigos que o Senhor lhes enviaria por tantos crimes acumulados por Israel enquanto livre e próspero.

Mas as profecias de Ezequiel, sem deixar de serem drásticas, tangem também as cordas da esperança, sempre presente no seu espírito e no dos cativos. Assim prevê o regresso do povo exilado à Palestina, em que voltará a reinar um novo David rei e pastor, num país maravilhoso, qual paraíso reencontrado, de chuvas fecundas como bênçãos do céu:

"os que habitam no deserto dormirão seguros no meio dos bosques. E pô-los-ei ao redor da minha colina para os abençoar e farci cair as chuvas, a seu tempo, e serão chuvas de benção" (Ez. XXXIV, 25-26).

E nos seus transportes idílicos o grande visionário (profético) descreve, em imagens exuberantes e símbolos altamente poéticos, a nova Jerusalém, fartamente regada por um rio que brota do templo e vai fecundar o deserto e sanear até as águas do Mar Morto (XLVIII, 1-12).

Tais expressões, que não podem ser tomadas rigorosamente à letra, tem um valor irrial verdadeiramente religioso (sacerdotal) e como tal deve ser interpretado; assim a água que promana do Templo e caudalosamente vai engrossando no leito onde corre, significa uma como que onda de benções saída do Templo (reconstruído), o restabelecimento do culto (espiritualizado) e a restauração da Lei (restituída).

Serão estas graças, que irão modificar toda a terra da Promessa, fazendo reviver as descrições do Génesis no Capítulo I da criação do mundo. A Palestina será um novo Éden!

*

Para alguma coisa serve a desgraça diz o velho rifão gaulês! Durante o cativo

na Babilônia foram revistas e completadas muitas das normas dos diferentes rituais, e preparada, para ser redigida, tôda a substância das velhas tradições que hoje constituem os livros do Pentateuco e em especial o Levítico.

E neste livro que a água se apresenta como o principal elemento purificador, tanto sob o ponto de vista sagrado como prescristivo no que respeita às abluções e banhos dos levitas.

Um povo com mancha colectiva (peccaminosa) contamina públicamente a terra que habita:

“Filho do homem, os da casa de Israel habitaram na sua terra e contaminaram-na com as suas obras e com os seus affectos (...). E eu então derramei a minha indignação sobre eles por causa do sangue que derramaram sobre a terra, e dos seus ídolos com que a contaminaram” (Ez. XXXVI, 17-18)

Mas Deus refreia a sua cólera e mais uma vez vai perdoar, aspergindo sobre o seu povo água pura que o mesmo Ezequiel profetisa assim:

“E derramarei sobre vós uma água pura, e vós sereis purificados de tôdas as vosas imundícies, e eu os purificarei de todos os vossos ídolos” (Ez. XXXVI, 25).

Esta efusão de água pura quer aludir à efusão do Espírito de Deus, o Espírito de vivência da Nova Aliança.

Isaias (comparado a Demóstenes pela sua eloquência viva e nobre, e pela linguagem pura e veemência de estilo¹³) o primeiro dos 4 grandes profetas, via também na água o símbolo purificador e nele baseava todos os seus apêlos para que cessasse tôda a malícia das acções, cercando o mal e aprendendo o bem.

O fim do exílio está próximo; a imagem de novo Êxodo aparece como um sonho que vai realizar-se. Babilônia começa a esfacelar-se (a unidade interna) à medida que Ciro, príncipe dos Persas e dos Medos, estende o seu império, mas

o seu nome irrompe na história do povo bíblico como um Messias libertador, apesar de estrangeiro¹⁴.

Deus vai editar de novo os seus milhãres do primeiro Êxodo, fazendo reviver as antigas maravilhas do seu poder.

A alegria da volta ao lar, depois do cativo, retrata-se no belo salmo (CXXV) em que também se pede o regresso dos restantes irmãos, ainda retidos em terra estranha; que voltem “como as torrentes na terra do meio dia”.

As maiores desgraças e flagelos que sobrevieram ao povo eleito foram as invasões que, como dilúvios de crueldade e de opressão, sobre êle caíram, fazendo officio de instrumento da justiça divina. Mas no entanto Javé promete não recorrer mais aos cataclismos político-sociais depois da sua purificação, por tantas duras e dolorosas provas, em que a paciência, coragem e esforço da raça perseveraram e a fé ardente e a esperança redentora não csmoreceram:

“Por um momento te abandonei (...) No momento da minha indignação escondi de ti a minha face, porém compadeci-me de ti, disse o Senhor, — teu redentor.

Eu faço por ti como fiz nos dias de Noé, a quem jurei que não mais derramaria as águas (do dilúvio) sobre a terra” (Is. LIV 8-9).

E o Santo de Israel na sua infinita complacência de novo vai conduzir o seu povo para o país, onde:

“Eu farei brotar rios no mais alto das colinas e fontes no meio dos campos; transformarei o deserto em lagoas e a terra árida em arroyos” (Is. XLI, 18).

O profeta da consolação (Isaias) exclama ainda:

“Porque eu derramarei águas sobre a terra sequiosa, e rios sobre o solo sêco; derramarei o meu espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção sobre a descendência. E êles crescerão entre a verdura, co-

(13) Se bem que os livros sagrados foram escritos sob a inspiração do Alto isso não lhes tira o cunho pessoal da forma, nem do estilo, pois as necessidades psíquicas de um povo refletem-se na obra do historiador (poeta ou escritor) contemporâneo dos factos ou da vivência do mesmo povo.

(14) Ciro, rei da Babilônia, que a rogos do profeta Daniel, (o quarto dos grandes profetas) de quem era amigo, publicou o édito que permitia aos judeus voltarem a Jerusalém e reedificarem a Cidade e o Templo.

mo os salgueiros plantados junto das águas correntes" (Is. XLIV, 3-4).

E logo a seguir saúda em nome do Senhor este maravilhoso renovo no seu belo estilo hiperbólico, (que é seu timbre) segundo o qual Ciro foi o providencial instrumento: "Derramai, oh céus lá dessas alturas o vosso orvalho e as nuvens façam chover a vitória; abra-se a terra e brote o Salvador, e ao mesmo tempo nasça a justiça. Eu sou o Senhor que o criei".

Quando o povo chegou a Israel, conduzido por Nehemias foi imensa a alegria dos judeus e tôda a riqueza espiritual contida nos trechos que aqui, ao de leve, affloramos, ficou constituindo o retorno da gloriosa festa dos Tabernáculos que, desde Josué, não era comemorada.

E assim a festa dos antigos, que era de inspiração agrícola, tornou-se em festa de glória exultante em honra do Senhor, fonte de renovação, de restauração e de salvação do povo judaico, sôbre o qual ficou pairando o seu Espírito, como nascente de águas vivas, como um jardim abundantemente regado!

Depois do exílio em Babilônia os séculos que se seguiram foram ainda tempo de prova e de inquietação, porque tardaram as belas promessas dos profetas.

A Cidade Santa renovada tornou a ser humilhada e o gladio do sofrimento atormentou os justos. Os mais animosos forragearam coragem e paciência, meditando as palavras de esperança dos profetas e oráculos, sem esquecer os benefícios já recebidos do Senhor. E assim os temas relativos à água e às promessas acodem à sua mente e novos salmos vêm enriquecer o magnífico e esplendoroso salterio bíblico¹⁵.

Já vimos, no que atrás foi dito, que a água fecunda era cantada pelos seus efeitos sôbre a natureza. Êstes efeitos em especial os beneficentes, eram lembrados como uma imagem de acção de Deus sôbre as criaturas. Tais maravilhas fulguram em alguns dos mais belos salmos, onde o Senhor é exaltado como sublime Dador das águas refrescantes e também Juiz das águas vingadoras.

(15) Os salmos são hinos sagrados, por meio dos quais o povo de Deus costumava louvar o Senhor, implorar a sua misericórdia, agradecer os benefícios recebidos e recordar os prodígios da sua paternal bondade em seu favor. O seu principal autor, foi, como é sabido, o rei David.

Impossível enumerá-los todos ao correr da pena. Apenas três, dos mais belos, para aqui transplantamos.

O salmista, do fundo da alma, reverência o Deus vivo e forte:

"Assim como o cervo suspira pelas fontes das águas, assim a minha alma suspira por ti, oh Deus! A minha alma tem sede do Deus forte e vivo. Quando irei e apparecerei diante da face de Deus?" (Salmo XLI, 2-3).

Aterrado implora que Deus o salve da tribulação e dos inimigos:

"Salve-me, oh! Deus porque as águas (da tribulação) penetraram até à minha alma. Estou atolado num lodo profundo, e não há nele consistência

"Tira-me do lodo, para que não fique atolado, livra-me daqueles que me odeiam e da profundidade das águas (da tribulação). Não me afoque a tempestade de água, nem me absorva o mar profundo; nem a boca do poço (de tantas misérias) se feche sôbre mim" (Salmo LXVIII, 2-3 16).

O salmista lamenta-se das desventuras e penas sofridas, mas reconhece o imenso poder do Senhor.

"Por cima de mim passaram as tuas iras e os teus terrores me conturbaram. Cercaram-me com água todo o dia, cercaram-me todos à uma. (Salmo LXXXVII, 17-18).

Deus também é aquele que agita e submete as águas do oceano.

Tu dominas o poder do mar e amansas o movimento das suas ondas" (Salmo LXXXVIII, 10).

Supõe-se por vêzes, que ressuscitar o antigo (como vimos fazendo) é transportar-se a regiões crepusculares onde o sol brilhou um dia, na imaginação (inspirada) de poetas e prosadores.

A êste pensamento opomos o de Coleridge que, evocando a célebre exclamação de St.º Agostinho (oh! beleza tão antiga e tão nova!), considera o contacto com objectos velhos e familiares "fonte de novidade e frescura", e ainda êste outro na

bela síntese de Lacordaire, "Quando amamos, nunca nos repetimos".

Outros profetas (últimos profetas) e oráculos, sábios e escribas reacendem o facho dos antigos, repetindo ou alargando as melhores profecias de Isaías e Ezequiel, quando as perseguições e vexames dos samaritanos, sobre os pobres colonos (regressados a Jerusalém), mais se acentua. Mas a esperança em dias melhores, nunca morre:

"E naquele dia sairão de Jerusalém águas vivas, metade das quais correrá para o mar do Oriente e a outra metade para o mar do Ocidente; elas correrão durante o estio e durante o inverno. E o Senhor será o rei de toda a terra, naquele dia êle será o único Senhor e o seu nome será o único (venerado)" (**Zacarias, XIV, 8-9**)¹⁶.

A sabedoria judaica expande-se também em provérbios, sentenças e aforismos saborosamente populares, que são tantas outras regras de vida e de costumes. Citamos dois, em que a água está figurada:

"Como a água fresca para pessoa que tem sede assim é uma boa nova que vem de um país remoto" (**Provérbios XXV, 25**).

"Os telhados que gotejam em tempo de inverno, e a mulher litigiosa parecem-se" (**Prov. XXVII, 15**)¹⁷.

E tantos outros seria de repetir!

Em toda a antiguidade hebraica a religião imperava em tudo, impregnando tudo, e tudo por ela era elevado aos cumes do sagrado. Tinha em mira construir o "homo sanctus", ou pelo menos o "homo honestus", o que só era possível com os dons da graça, dispensados por Deus ao seu povo, de que era Senhor, a cujos destinos, bons ou maus, (em sentido escatológico) presidia.

A sabedoria judaica nativa não hesita em recolher e adoptar como sua a sabe-

doria de fora (do exterior), e incorporá-la no seu já rico patrimônio sapiencial, imprimindo-lhe sentido fortemente religioso.

*

Em todos os escritos bíblicos, relativos à sabedoria, voltamos a encontrar os temas das águas que salvam e das águas que matam, como símbolo e imagem do senhorio de Deus.

Nos séculos que seguiram ao retorno do exílio, e que vão encurtando o tempo do advento do prometido Messias, Israel entra na fase de uma profunda decadência, que os constantes vexames dos povos vizinhos exarceba e as divisões intestinas ainda mais aguça.

É assim que a Sabedoria retoma a sua tradição neste transe, e sendo mais preciosa que a água e mais antiga do que ela, jorra dentro dos corações daqueles que vivem no temor de Deus, conforme se pode ver neste apelo:

"Aplica-se com todo o cuidado à guarda do teu coração, porque dele é que procedem as fontes da vida" (**Prov. IV, 23**).

É bem conhecida a tragédia de Job, maravilhosamente descrita no livro que tem o seu nome e que é um dos mais belos poemas da humanidade. A água, (sempre a água!), lá figura como imagem de felicidade, ou de desgraça, ou de purificação.

A tudo Job se verga porque o Senhor lhe revelou a sua transcendência sobre a natureza, e em especial sobre as águas, sobre as ondas do mar (onde habitam monstros) e confessa:

"Êle é o que prende as águas nas nuvens. Pôs, em roda, limites às águas, com a sua fortaleza de repente se congregaram (colmaram) os mares.

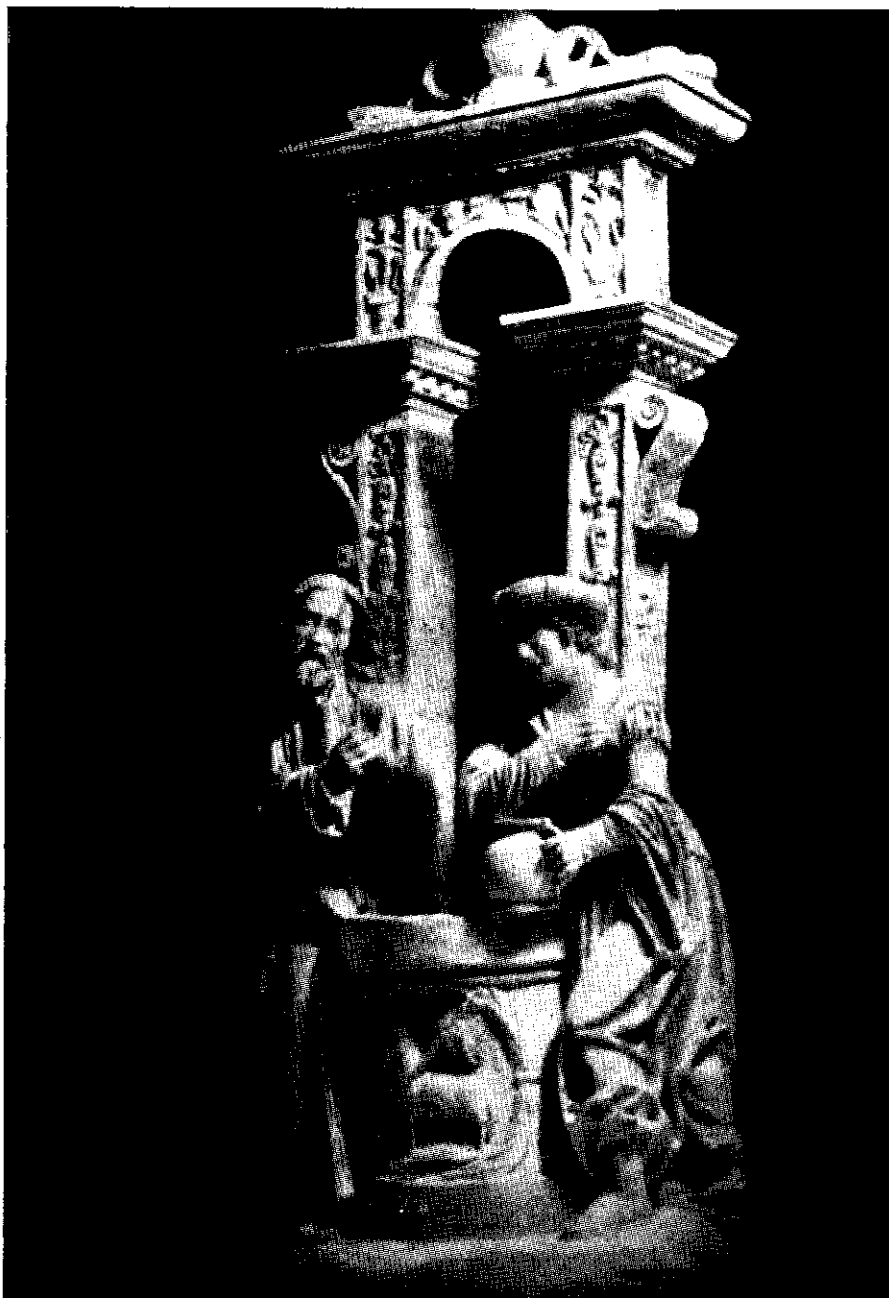
O seu espírito adornou os céus.

Eis que tudo isto não é senão uma parte das suas obras, e se apenas temos ouvido uma pequena gota do que dele se pode dizer, quem poderá compreender o trovão da sua grandeza?" (**Job XXVI, 7-14**).

Não iremos mais longe nesta viagem pelo Velho Testamento, até porque a vin-

(16) Zacarias, profeta menor, tem no Velho Testamento renome grande, porque o que diz do Messias é tão alusivamente claro que chega a parecer um evangelista. Prediz, além disso, a conversão dos judeus no fim do mundo.

(17) Um dos livros chamados sapienciais (que instruem sobre a ciência dos bons costumes) foi escrito por Salomão.



Fonte da Samaritana (Friburgo, Suíça)

da do Verbo encarnado está próxima. Vimos, em breve síntese, neste relampejar histórico, ou melhor nesta antologia da água, que ela serve tanto os desígnios da Sabedoria divina em relação aos justos, como, em relação aos ímpios.

Quanto aos primeiros como elemento de salvação; e de punição quanto aos segundos.

O tema da água espiritualiza-se cada vez mais à medida que a aurora da Nova Aliança se levanta no céu das esperanças messiânicas; e o espírito engrandece-se com o pressentimento que anuncia a "Boa Nova".

Cristo subirá ao templo e ali, perante as multidões congregadas convidará os

homens a renascer do Espírito e da água, abeberando-se na fonte das águas vivas.

E a fonte das águas vivas (já o tinha dito Jeremias) era o próprio Senhor!

*

Eis-nos agora chegados às páginas do Novo Testamento.

Os conceitos, os textos relativos à água, aparecem-nos agora, vistos à luz do que já lemos no Antigo Testamento, e depois de uma longa e adaptada (às circunstâncias) evolução, com um significado, com um sentido mais claro, mais incisivo e perceptível (que tem expressão plena no ritual do baptismo).

O Novo Testamento não fará mais que glosá-los, enriquecendo-os amorosamente com novas claridades espirituais e adornos interpretativos, segundo os diferentes autores (evangelistas e apóstolos).

Iniciaremos esta jornada através do Novo Testamento pelas Epístolas.

S. Pedro, o príncipe dos Apóstolos, na sua segunda carta, a propósito dos falsos profetas e doutores, lembra:

“não perdoou (o Senhor) ao mundo antigo, mas somente salvou com outros sete a Noé, pregador da justiça, quando o fez vir o dilúvio sobre o mundo dos ímpios” (II P. 11,5).

E na mesma carta lança sobre os ímpios e dissolutos o anátema:

“Eles são fontes sem água e névoas agitadas por turbilhões, para os quais está reservada a obscuridade das trevas” (II P. II, 17).

E ainda, a propósito da segunda vinda de Cristo, acrescenta:

“... eles (os embusteiros, zombadores) ignoram voluntariamente que pela palavra de Deus existiam os céus e a terra foi tirada da água; e que por estas coisas o mundo então pereceu submergido na água. Mas os céus e a terra que agora existem, são guardados pela mesma palavra e reservados para o fogo no dia do juízo e da perdição dos homens ímpios” (II P. III, 5-7).

São Tiago (cognominado o Menor) compara a condição dos cristãos à do agricul-

tor que espera de Deus, paciente e confiadamente, as “chuvas fecundantes antes e depois do inverno”, tcmá já versado no Antigo Testamento pelos profetas.

Êstes esperavam já então pela vinda do Senhor como quem suspira pelas águas dos céus que fazem refflorir a terra.

E assim faz apelo à paciência e ao ânimo dos cristãos, e recomenda:

“Sede pois pacientes irmãos até à vinda do Senhor.

Vêde como o lavrador espera o precioso fruto da terra, tendo paciência até que receba o tempo-rão e o seródio.

Sede pois pacientes e fortalecei os vossos corações porque a vinda do Senhor está próxima” (Tiago V, 7-8).

A propósito do poder e eficácia da oração recorda o milagre do monte Carmelo suscitado pelas preces de Elias:

“Confessai pois os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros para serdes salvo; porque a oração fervorosa do justo pode muito. Elias era um homem sujeito ao sofrimento como nós, e orou com instância para que não chovesse sobre a terra, e durante três anos e seis meses não choveu, e orou de novo e o céu deu chuva, e a terra deu o seu fruto” (Tiago V, 16-18).

As epístolas do grande apóstolo das gentes, S. Paulo, são parcas nas referências à água. Uma só alusão surge, tirada do Antigo Testamento, na Epístola aos Coríntios, que louva as maravilhas do Senhor durante o Êxodo, ao mesmo tempo que adverte os irmãos da igreja de Corinto, que Deus não se agradou de muitos deles pelo que foram prostrados no deserto¹⁸ (I Cor. X, 1-5).

Outras passagens das Epístolas são inspiradas pela leitura das Santas Escrituras, cuja ciência era do perfeito conhecimento do Apóstolo¹⁹.

(18) Os que faziam parte da multidão fugida do Egipto e seguia Moisés a caminho da Terra da Promissão.

(19) Como é sabido Paulo (Saulo, nascido em Tarso da Cilícia) foi, de princípio um grande perseguidor dos cristãos. Como era instruído nas Escrituras, aprendidas aos pés de Gamaliel, seu mestre, conhecia bem as leis judaicas e delas era um grande zelador e guardador.

A sua conversão, a caminho de Damasco, é de todos conhecida.

Registramos, por exemplo, aquela da Epístola aos Hebreus:

“Porque a terra que absorve a chuva, que cai muitas vèzes sôbre ela, e produz erva proveitosa a quem a cultiva, recebe a bênção de Deus. Mas se ela produz espinhos e abrolhos, é reprovada e está perto da maldição; o seu fim é ser queimada” (**Heb. VI, 7-8**).

E estes outros versículos, que constam dos Actos dos Apóstolos, atribuídos a S. Paulo durante uma das suas peregrinações, a propósito de um sacrifício pagão:

“Oh! homens porque fazeis isto? Nós também somos mortais, homens como vós que vos pregamos que vos convertais destas coisas vãs ao Deus vivo que fez o céu, a terra e o mar e tudo o que há neles; o qual nos séculos passados permitiu que tódas as nações seguissem os seus caminhos. Todavia não se deixou a si mesmo sem testemunho, fazendo benefícios, dando chuvas do céu e estações favoráveis para os frutos; dando em abundância o mantimento e a alegria aos nossos corações” (**Actos dos Apóstolos XIV, 14-16**).

Nestes versículos é quase sempre Deus figurado como autor, mestre e dominador das águas, tanto as que caíam do céu como as que brotam ou correm na terra. Os apóstolos apenas se limitam a reproduzir ou a parafrasear os versículos antigos, onde se reconhece que todo o primado das coisas pertence a Deus e só a Ele.

Assim é que no Antigo Testamento Deus é o domador das tempestades e das ondas do mar. No Novo Testamento é Cristo que possui pelo poder de Deus, o mando sôbre as águas do mar. Nisto são concordes os Evangelhos Sinópticos²⁰.

Dizem os discipulos uns para os outros:

“Quem julgas que é este que manda aos ventos e ao mar, e êles lhe obedecem” (**Lucas VIII, 25**).

depois de acalmada a tempfestadoe que se levantou no lago de Cafarnaum. (Jesus tinha increpado o vento e as ondas e logo tudo cessou e veio a bonança).

Com este acto a divindade de Jesus impõe-se, porque transcende tóda a fôrça humana. É um facto visível, inconcusso, que concretiza as maravilhas com que alguns autores (salmistas) glorificavam e louvavam Deus no Antigo Testamento.

No Novo Testamento, e segundo os textos dos Sinópticos, a idéia de que Deus se servia da água (da chuva) para alegrar ou compensar os justos, ou para admoestar ou castigar os maus, modifica-se, ou melhor, alarga-se porque considera a chuva como uma bênção universal que cai igualmente sôbre todos sem distinção.

É o que se pode ler no sermão da montanha:

“Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. Eu porém digo-vos: Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odiam; e orai pelos que vos perseguem e caluniam, para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus, o qual faz nascer o sol sôbre bons e maus; e manda a chuva sôbre justos e injustos” (**S. Mateus V, 43-45**).

No quarto Evangelho de (S. João) a água tem mais relêvo que nos anteriores (Sinópticos), pois percebe-se certas preocupações batismaes e outras sacramentárias, que saem fora dos propósitos deste nosso escrito, pelo que reservamos a nossa atenção para o que o Evangelista chama “água viva”, cujo conceito, embora impreciso, se vislumbra já em vários versículos do Antigo Testamento.

Retomando, ao de leve, o tema da mulher da Samaria (que nos deu o acorde para este trabalho, como no princípio dissemos) o Divino Mestre ao atravessar a Samaria parou junto do poço de Jacob. Veio a Samaritana e Jesus disse-lhe: “Dá-me de beber” e a mulher replicou:

“como, sendo tu judeu me pedes de beber a mim que sou samaritana?”²¹.

(20) Os três primeiros Evangelhos: de S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas, cujos textos são todos semelhantes entre si, embora literariamente, sejam inconfundíveis na maneira de expor.

(21) Os judeus não se davam com o povo de Samaria.

E logo Jesus responde:

“Se tu conhecesses o dom de Deus, e quem é que te diz: Dá-me de beber, tu certamente lhe pedirias, e êle te daria de uma água viva”.

Mas a mulher não percebe (ou simula não perceber) mas vencida pela curiosidade contesta:

“Senhor tu não tens com que a tirar e o poço é fundo; donde vem pois essa água viva? És tu, porventura maior que o nosso pai Jacob que nos deu este poço, do qual êle mesmo bebeu, e os seus filhos e os seus gados?”.

O diálogo continua e Jesus explica-lhe:

“Todo aquele que bebe desta água tornará a ter sede, mas o que beber da água que eu lhe der, nunca, jamais, terá sede; mas a água que eu lhe der virá a ser nele uma fonte de água que salte para a vida eterna”.

Então a mulher já convencida e rendida diz-lhe:

“Senhor dá-me dessa água para eu não ter mais sede, nem vir aqui tirá-la”.

Este episódio é como que uma réplica (aparentemente antagônica) de um passo profético do livro “Eclesiástico” que afirma, referindo-se à Sabedoria:

“Aqueles que me comem terão mais fome e os que me bebem terão mais sede” (Ecl. XXIV, 29).

Os profetas, cujo ensino repousava algumas vézes nos aspectos exteriores da religião judaica, pressentiam (inspiradamente) que os seus impulsos se dirigem também ao coração dos homens, donde há-de vir a brotar a fonte de água viva, que corre como um regato que se fez rio e que o rio se torna mar.

A água viva, como o Espírito do Senhor, será dado do alto da cruz:

“... um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança e imediatamente saiu sangue e água. E aquele que viu deu testemunho disso; e o seu testemunho é verdadeiro” (João XIX, 34).

Jesus é o Templo, o Templo entrevisto pelos profetas Ezequiel e Zacarias na visão da nascente que dele brotava.

João o mais espiritual de todos os Evangelistas²², no Evangelho quase não invoca o conteúdo profético do Antigo Testamento, a não ser o relativo à água como simbolo e instrumento de vida, (que engendra e alimenta a vida do espírito), conceito que exuberantemente se revela na doutrina do baptismo, como se pode ver, por exemplo, nesta resposta de Jesus a Nicodemos²³.

“Em verdade, em verdade te digo que quem não nascer por meio da água e do Espírito Santo não pode entrar no reino de Deus. O que nasceu da carne é carne; e o que nasceu do espírito é espírito. Não te maravilhes de eu te dizer: Importavos nascer de novo. O espírito sopra onde quer; e tu ouves a sua voz, mas não sabes donde êle vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que nasceu do espírito” (João III, 5-8).

*

No Apocalipse (o livro da revelação, que trata das coisas futuras e por isso é considerado pela Igreja um livro profético), S. João assenta a maior parte das suas visões e símbolos nos profetas, ao contrário do que se nota no seu Evangelho, o que se compreende facilmente por o principal tema do Apocalipse versar a segunda vinda de Jesus Cristo, no fim dos tempos, para o juízo final.

Nestas visões simbólicas a água não perde os seus ascendentes proféticos, como os relativos ao Senhor detentor das águas, às inundações, à sede que a água estanca (figura do próprio Cristo, como fonte de águas vivas) etc.

Assim o Apocalipse principia pela visão de Cristo na sua glória. Nesta visão figuram, em imagens preciosas, todos os grandes atributos de um rei poderoso e onipotente. A sua voz é como... “o ruído de muitas águas” (Apoc. I, 15).

(22) Veja-se por exemplo o prólogo da sua Mensagem: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus...”

(23) Um dos principais entre os judeus da seita dos fariseus e amigo escondido de Jesus.

Esta imagem volta a repetir-se na visão do cordeiro:

“E olhei; e eis que o Cordeiro estava de pé sobre o monte Sião... E ouvi uma voz do céu, como o rumor de muitas águas, e como o estrondo dum grande trovão” (**Apoc. XIV, 1-2**).

E a visão continua, pois Cristo é como Deus que governa o universo e tudo quanto nele se contém, em que a água é dos seus principais elementos, sob qualquer forma ou estado em que se apresenta na natureza.

O anjo que anuncia o Evangelho eterno chama em voz alta:

“Temei o Senhor e dai-lhe glória;... e adorai aquele que fez o céu e a terra, o mar e as fontes das águas” (**Apoc. XIV, 7**).

A idéia da água não abandona o pensamento do desterrado de Patmos²⁴. Frequentes vêzes ela assoma no seu livro, a propósito de outras visões. Para êle a história do mundo não é mais do que a eterna luta entre o dragão infernal e Cristo.

O mar é seio de monstros, que simbolizam certas potências do mundo em luta com os habitantes da terra e com o próprio Cordeiro.

Mas a vitória de Deus é certa e os homens irão habitar uma terra nova, sob novos céus, um mundo novo, uma nova Jerusalém:

“E vi um novo céu e uma nova terra. Porque o primeiro céu e a primeira terra desapareceram e o mar já não existe. E eu João via a Cidade Santa, a nova Jerusalém que descia do céu, de junto de Deus” (**Apoc. XXI, 1-2**).

A vitória é certa e absoluta porque o Senhor é:

“O Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, e dará, gratuitamente, da fonte da água da vida ao que tiver sede” (**Apoc. XXI, 6**).

No último capítulo do Apocalipse, que é também a sua conclusão, ainda se pode ver que a água, elemento material, serve de vínculo ou de termo de comparação

(24) Ilha de Patmos onde S. João escreveu o Apocalipse.

às realidades espirituais que são o espírito, a graça, a própria vida de Cristo que se oferece como fonte dadivosa a quem a queira beber:

“Eu (Jesus) sou a raiz e a geração de David, a estrêla resplandecente da manhã; e o Espírito (Santo) e a Esposa (Igreja) divina dizem: Vem. E o que ouve, diga: Vem. E o que tem sede, venha; e o que quer, receba de graça a água da vida. (**Apoc. XXII, 16-17**).

*

Seguimos “pari passu”, através de toda a Bíblia (Antigo e Novo Testamento) — desde as mais antigas tradições até ao momento em que a história sagrada vai ser continuada na tradição viva que é a Igreja de Cristo —²⁵, o tema da água que nos propuzemos desentranhar dos Textos Sagrados, quer como imagem ou expressão bíblica real e espiritual, quer como símbolo profético, irreal, místico.

Pela sua vastidão, interesse e variedade merecia mais demorado estudo, mas tal trabalho estaria fora do nosso fraco alcance e da nossa limitada capacidade²⁶.

Que outros possam dilatar, com maior ciência e conhecimento, tão agradável e salutar tema!

NOTAS — Neste talvez longo, mas deleitoso, peregrinar, por tantos livros e páginas das Sagradas Escrituras²⁷, valeu-nos, como guia autorizado e seguro o Pe. J. Pierron M. E. P., autor de “La Source de l’Eau”, inserta na Revista “Evangile”, publicação da Ligue Catholique de l’Evangile, Nouvelle Serie, n.º 19, 1955, Paris.

Os passos da Bíblia Sagrada (A. T. e N. T.) que esmaltam êste escrito, foram transcritos da obra do Pe. Matos Soares (1930-1931-1933) que a traduziu da Vulgata.

(25) O Antigo Testamento e o Novo Testamento e a Igreja constituem uma autêntica unidade espiritual e dinâmica. “Nós (os cristãos) dizia Pio XI, somos espiritualmente semitas”.

(26) Apenas recolhemos o que nos pareceu essencial ao desenvolvimento do tema (a que poderíamos dar o título latino: “Fons aquae salientis in vitam aeternam”) para não sairmos da dimensão de um escrito, o que era a nossa intenção. As referências à água nas Sagradas Letras são tantas e várias vezes repetidas que recolhê-las e comentá-las daria um bom livro!

(27) Ao mergulharmos no mar largo e profundo do mundo bíblico (um dos grandes e inconfundíveis capítulos da História Antiga), sentimos que mais facilmente nos esquecíamos da demasiada vulgaridade da vida presente, e isso nos deu alento e ânimo bastantes para não desistir da difícil iniciativa que em boa hora empreendemos.